



Análise microgenética na Educação Musical: algumas discussões

COMUNICAÇÃO

Glauber Resende Domingues
PPGE/UFRJ – glauber.rd@ibest.com.br

Resumo: Este trabalho tem por objetivo principal apresentar a análise microgenética, metodologia de análise oriunda da psicologia. Faremos primeiramente uma incursão sobre a importância da cultura nas interações sociais, depois falaremos especificamente da metodologia, indicando algumas de suas contribuições à educação musical em recentes pesquisas. Nas considerações finais ressaltamos algumas questões a serem consideradas na análise microgenética na educação musical.

Palavras-chave: Análise microgenética. Educação musical. Interações sociais.

Microgenetic Analysis in Music Education: Some Notes

Abstract: This work has as main objective to present the microgenetic analysis, methodology derived from psychology. First we will make a raid on the importance of culture in social interactions, then we'll talk specifically the microgenetic methodology, indicating some of his contributions to music education in recent research. In the final considerations emphasize some issues to consider when microgenetic analysis in music education.

Keywords: Microgenetic analysis. Music education. Social interactions.

1. Sobre a importância das interações sociais na aprendizagem

Recentemente a cultura tem se tornado algo central nas teorizações sociais. Hall (1997) é um dos principais teóricos dos Estudos Culturais que apostou na força da cultura, deixando ela de ser um elemento acessório nas teorizações para se tornar um elemento central. Assim, a “virada cultural”, conceito proposto pelo autor,

refere-se a uma abordagem da análise social contemporânea, que passou a ver a cultura como uma condição constitutiva da vida social, ao invés de uma variável dependente, provocando assim nos últimos anos, uma mudança de paradigma nas ciências sociais e nas humanidades (...). (HALL, 1997, p. 27)

O diferencial que a proposta do autor possui tem a ver com o fato de ele deslocar a cultura nas teorizações sociais. O elemento cultura que até então era tido como periférico, como pouco influente nas discussões, assume um lugar de destaque nas análises sociais. Esta questão traz, de certo modo, um problema epistemológico às ciências humanas e sociais, por conta de colocar um fator variável como elemento chave nas discussões. Porém para deslocar o conceito de cultura como elemento central, foi necessário também pensar noutro arranjo conceitual para o termo. Nesta perspectiva,

cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado

às coisas. O próprio termo “discurso” refere-se a uma série de afirmações, em qualquer domínio, que fornece uma linguagem para se poder falar sobre um assunto e uma forma de produzir um tipo particular de conhecimento (HALL, 1997, p. 29).

Assim, na perspectiva do autor, é possível perceber uma forte relação da cultura com a linguagem e de como esta é um elemento constitutivo daquela. E que as nossas aprendizagens, sejam elas de cunho dos hábitos, do conhecimento que produzimos, dentre outras, se transformam em cultura pelas vias da linguagem. Aprendemos (d)o mundo com as interações sociais. Nossos comportamentos e modos de pensar, o modo de aprendermos e nos relacionarmos com o conhecimento está, de alguma forma, atrelado à ideia de cultura e é fortemente influenciado pelo outro social.

Desta forma, pensamos ser possível estabelecer uma correlação entre a perspectiva da “virada cultural”, proposta por Hall (1997) com a abordagem da psicologia sócio-histórica, a vigotskiana, mais especificamente. Apostamos nisso pelo fato de que a criança, para que ela se conscientize como sujeito, precisa passar por dois estágios no desenvolvimento de suas funções psicológicas superiores:

Primeiro no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica). Isso se aplica igualmente para atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos. (Vigostki. 1998, p.75).

Parece ficar claro no excerto do mestre russo que, para que uma criança desenvolva um *eu*, ela precisa desenvolver uma noção de um *nós*. Para que tenha a noção de si, do seu próprio corpo e de sua individualidade, ela precisa ter alguma noção de mundo, da natureza que a rodeia e ainda da relação dos homens entre si e com essa natureza, o que, de certo representa parte da cultura, anos modos de Hall (1997).

2. Sobre a análise microgenética

A análise microgenética é uma metodologia de análise oriunda da psicologia e que tem como grande mentor o psicólogo russo Lev Seemenovich Vigotski. Segundo Kelman & Branco (2004), as primeiras pistas para o desenvolvimento do método surgiram enquanto Vigotski preparava indivíduos para um experimento. As autoras apontam que ele observou que os processos mentais mais relevantes desses sujeitos se davam no “aqui e agora” das situações vividas do que no resultado do experimento proposto. Ou seja, ele postulou que os

indivíduos aprendiam mais em determinados ápices durante as interações do que propriamente com a resolução do problema proposto.

Segundo Leite (2012),

Vygotsky fala em quatro entradas de desenvolvimento que, juntas, caracterizariam o funcionamento psicológico do ser humano. Uma é a Filogênese, que é a história da espécie humana; outra é a Ontogênese, que é a história do indivíduo da espécie; outra a Sociogênese, que é a história cultural, do meio cultural no qual o sujeito está inserido; e a Microgênese, que é o aspecto mais microscópico do desenvolvimento. (op. Cit., p. 51).

Cabe a esta última entrada de desenvolvimento tratar da gênese do conhecimento (KELMAN & BRANCO, 2004). Vale a pena lembrar que o uso do termo *genético* aqui não está relacionado ao campo de estudos da Genética enquanto ciência, mas a um segundo significado da palavra. Gênese como princípio, origem, que neste caso seria do desenvolvimento. Desta forma, lançar mão de um instrumento metodológico que se ancore na microgênese seria uma maneira de se observar processos de desenvolvimento de um grupo de indivíduos nas suas interações, pois

permite, em última análise, que se observe a seqüência do fenômeno e os processos de mudança experienciados pelo indivíduo. É uma abordagem metodológica apropriada para o estudo dos fenômenos que influenciam a relação entre cultura e socialização, (...) (KELMAN & BRANCO, 2004, p. 95).

Trata-se de um tipo de abordagem metodológica, qualitativa, que permite, ao registrar os discursos e diálogos interacionais, poder analisá-los repetidas vezes identificando categorias de análise *a posteriori*. As formas de registro das interações sociais são as mais variadas. À época de Vigotski, por exemplo, provavelmente estas interações eram registradas manualmente, através de cadernos de campo ou de registro. Presumimos que muitas das informações acabavam se perdendo pela fugacidade do tempo e da impossibilidade de se anotar tudo o que se via nas interações. Outro fator complicador deste tipo de apontamento é que quem analisava dificilmente poderia participar das interações, haja vista a dificuldade em participar e anotar.

Com a popularização das tecnologias de registro, foi possível melhorá-los. Primeiramente com um gravador, que podia, em alguma medida, captar inflexões de voz, o que poderia denunciar algum sentimento específico do sujeito participante durante a interação. Por exemplo, se um estudante está com vergonha ou com raiva, é possível se observar sua inflexão de voz entregar como está o seu comportamento em dado momento. A

democratização do acesso a câmeras que produzem vídeos facilitou ainda mais o trabalho com a análise microgenética. Isto porque, quando se filma a interação, é possível perceber detalhes mais sutis, como por exemplo certos movimentos corporais que com o gravador não se captava. Outra categoria que pode entrar para análise nas interações com a gravação em vídeo é o silêncio dos participantes. Ao contrário do que se pensa, o silêncio é uma dimensão relevante nas interações (ORLANDI, 2007) e que, se o pesquisador/professor possui um bom aparato teórico, pode dizer muita coisa acerca do processo interacional. Isto porque

o silêncio não é ausência de palavras; ele é o que há entre as palavras, entre as notas de música, entre as linhas, entre os astros, entre os seres. Ele é o tecido intersticial que põe em relevo os signos que, estes, dão valor à própria natureza do silêncio que não deve ser concebido como um “meio” (ORLANDI, 2007, p. 68)

Assim, o silêncio na análise microgenética é um meio pelo qual se pode observar determinadas características do grupo que está participando da interação e da importância que estas têm no processo de aprendizagem dos indivíduos, mesmo que a aprendizagem seja silenciosa. Com um simples movimento de sobrancelha um indivíduo pode dizer muita coisa sem ter aberto a boca para dizer uma palavra.

As categorias surgem a partir das interações sociais e é possível assim, analisar e identificar aprendizados que emergem das trocas entre professores e alunos e entre alunos e alunos. Ao ver e rever as interações produzidas, o pesquisador ou o professor pode ver como os fenômenos se reiteram e podem, a partir deles, retirar algumas categorias para facilitar a ordenação dos dados.

3. A análise microgenética e a Educação Musical

Ao realizar uma busca sobre trabalhos em anais de eventos e no Portal de Dissertações e Teses da CAPES, pudemos observar que ainda são muito poucas as publicações em Educação Musical que têm como ferramenta metodológica a análise microgenética. Desta forma, encontramos uma dissertação no Portal e três artigos nos anais da ANPPOM.

Ao entrar no Portal de Dissertações e Teses da CAPES, buscamos pesquisas com as palavras-chave *análise microgenética* e *educação*. A dissertação encontrada, de autoria de Simone Velho e intitulada *Compreendendo os procedimentos da atividade “tocar de ouvido”*, procurou investigar microgeneticamente “os procedimentos empregados pelo sujeito na atividade tocar de ouvido, procurando compreender de que modo organiza suas ações para encontrar as notas da melodia no piano” (VELHO, 2011, p. 9), aliando este procedimento ao

estudo de caso. A autora deixa clara sua aposta numa epistemologia da gênese do conhecimento musical baseada na perspectiva piagetiana. Assim, ao realizar a análise microgenética ela elenca oito categorias:

- a) as soluções imediatamente encontradas pelo sujeito; b) as condutas claramente intencionais; c) as condutas repetitivas do sujeito; d) os momentos de impasse durante a execução da atividade; e) as reações do sujeito diante dos momentos de impasse; f) as possíveis generalizações que o sujeito faz durante a atividade proposta; g) a utilização de estratégias oriundas de outras áreas do conhecimento; h) as impressões ou percepções da atividade de tocar de ouvido (VELHO, 2011, p. 48)

Fazemos questão de frisar que a autora chama sempre de *sujeito*, no singular, o que parece mostrar que há uma preocupação mais individual da microgênese do que grupal. Nas conclusões a autora apresenta os procedimentos de cada participante, não parecendo evidenciar uma preocupação grupal da microgênese.

Os dois textos encontrados nos anais da ANPPOM são das mesmas autoras (CALDEIRA & FONTEERRADA, 2005, 2006) e apresentam o mesmo tema, porém, por serem de anos diferentes, apresentam diferentes estágios da pesquisa. No primeiro texto, intitulado *O papel mediador da educação musical no contexto hospitalar: uma abordagem sócio-histórica*, publicado nos anais de 2005, as autoras assinalam que seu objetivo é o de “investigar o papel mediador da educação musical no contexto hospitalar, focando-se, especificamente, em crianças que, devido às características de sua doença, necessitam passar por um longo período de internação” (CALDEIRA & FONTEERRADA, 2005, p. 1281). No texto as autoras descrevem como seria o processo de produção de dados da pesquisa, que constaria de encontros semanais nos quais os objetivos seriam incentivar o fazer musical criativo e a auto-expressão das crianças internadas. Dentre os objetivos específicos citados, o que mais chama a atenção diz respeito a um “facilitar a expressão musical espontânea do paciente, evidenciando sua bagagem sócio-histórica através desta” (p. 1287). Assim, parece ficar claro que há, na perspectiva das autoras uma preocupação da aprendizagem dos indivíduos com o meio e com a cultura.

No texto do ano seguinte, 2006, as autoras se debruçam numa “concepção de educação musical como um processo aberto, dinâmico e dialógico e a importância de sua presença e ação no contexto hospitalar” (CALDEIRA & FONTEERRADA, 2006, p. 999) e apontam a análise microgenética como um método possível de análise, pois ele “focando-se mais na análise e explicação dos processos do que na descrição de resultados” (op. Cit., p. 1000), pode ampliar as possibilidades de observar a relação das crianças com a música. As autoras já elencam que questões norteariam os encontros semanais:

Quais músicas foram significativas no desenvolvimento dos sujeitos da pesquisa? Quais sons permeavam o seu contexto social antes de entrar no hospital? De que forma sua relação passada determina sua relação presente? O desenvolvimento da atividades de criação com as músicas que trazem de suas bagagens sócio-históricas incentivaria as crianças a se expressarem e dialogarem melhor com os outros e com seus próprios sentimentos/emoções? As atividades de criação, percepção e interpretação as ajudariam a elaborar de forma criativa seu desejo e necessidade de estar fora do contexto hospitalar? O estudo ativo da paisagem sonora que as cerca as auxiliaria a ressignificar o ambiente hospitalar, ajudando a aliviar a carga de medo e ansiedade inerente a ele? (CALDEIRA & FONTERRADA, 2006, p. 1001)

Infelizmente em nossa pesquisa não conseguimos ter acesso ao prosseguimento da pesquisa, mostrando os seus resultados, mas o que, a nosso ver, parece mais relevante dos textos reside na ideia de que o conhecimento musical se fortalece à medida em que os indivíduos são postos em situações de aprendizagem grupal.

O texto de autoria de Eliton Perpétuo Rosa Pereira e Maria Helena Jayme Borges, intitulado *Computador, multimídia e softwares na Educação Musical: uma experiência interdisciplinar em escola pública de ensino formal*, foi publicado nos anais da ANPPOM de 2005. No texto os autores apontam que a pesquisa objetivou fazer

uma testagem da utilização dos laboratórios de informática do PROINFO – Programa Nacional de Informática Educativa – instalados nas escolas públicas da rede estadual de ensino, verificando a viabilidade e funcionalidade do uso da informática e de softwares musicais (...) na musicalização de jovens e adolescentes estudantes da rede formal e pública de ensino (PEREIRA & BORGES, 2005, p. 1011)

A partir de um lote de questões, os autores buscam esclarecer e pontuar a relevância da relação interdisciplinar música/informática na escola, observando a viabilidade da tecnologia como mediador pedagógico no processo de ensino-aprendizagem da música. A metodologia constou de três revisões bibliográficas: uma que abordasse a educação musical e tecnologias, outra que abordasse o desenvolvimento cognitivo e a construção dos conceitos musicais, elaborando oficinas para posteriormente serem analisadas microgeneticamente, e uma terceira que observasse catálogos de softwares disponíveis para execução da pesquisa.

A parte que nos interessa aqui, a segunda modalidade, constou da escolha de oito alunos de determinada turma para serem observados e avaliados durante as seções aulas, tendo como critério de escolha os resultados de percepção e de criatividade observados nos pré-testes e nos pós-testes. Estas atividades seriam filmadas e gravadas para que fosse realizada “uma análise microgenética das respostas e das ações e produções dos sujeitos nestes testes, verificando assim o desenvolvimento dos conceitos musicais” (PEREIRA & BORGES, 2005, p. 1016). Os autores não deixam claro no texto se estes diferentes momentos

são feitos com os alunos de forma separada ou em grupo. Nas considerações finais eles apontam para o fato de ser viável o uso da informática no ensino musical na escola pública, tomando por base a integração disciplinar entre música e informática e apostando numa associação entre aspectos técnicos e didático-pedagógicos.

3. Considerações finais

Tivemos a intenção de, com este texto, procurar evocar algumas questões acerca da análise microgenética na educação musical. Num primeiro momento do texto procuramos apresentar uma breve introdução acerca da importância da cultura nos processos interacionais. No segundo, delimitamos a análise microgenética como sendo uma ferramenta de análise oriunda da psicologia sócio-histórica, com forte influência vigostkiana. Na terceira parte apresentamos algumas pesquisas que tem se debruçado sobre a importância desta ferramenta metodológica como meio de se observar a aprendizagem musical de indivíduos em situação de interação, na maioria dos trabalhos.

De todos os trabalhos analisados, ao que parece, a maioria se centrou em operar com a análise microgenética numa perspectiva grupal, na qual os sujeitos participantes produziam interações e aprendiam os conteúdos musicais em questão. Observar como se processa o conhecimento musical por parte dos alunos foi o foco principal dos trabalhos analisados. Temos apostado que outras pesquisas que venham lançar mão da análise microgenética atentem para o seu poder de captar os comportamentos dos alunos enquanto as interações acontecem, como o modo de sentar, o semblante, se a atividade em jogo parece interessante para eles. É imprescindível que não só se descreva como o estudante se porta na aula de música, mas a análise microgenética pode ajudar a perceber o motivo pelo qual o estudante se comporta de tal maneira. Estes não seriam conteúdos musicais propriamente ditos, mas podem ser elementos importantes para definir aspectos relevantes da interação dos sujeitos, como a motivação, por exemplo, mola mestra da aprendizagem.

Outro aspecto que pode ser relevante para a análise microgenética de interações musicais tem a ver com o silêncio. A dimensão do silêncio, que tem sido, muitas vezes, invisibilizada nas interações sociais pode ter o poder de falar muito sobre as aprendizagens musicais dos sujeitos. Quando a boca não fala, o corpo fala. Um gesto pode produzir mais intenções do que um discurso inteiro.

Desta forma, temos apostado que a análise microgenética nas pesquisas em educação musical ainda possui um profícuo campo de possibilidades e de espaços empíricos, como escolas, igrejas, ONG's; e tem muito a contribuir com a área.

Referências:

- CALDEIRA, Zoica Andrade & FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. O papel mediador da educação musical no contexto hospitalar: uma abordagem sócio-histórica. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XV. 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPPOM, 2005. p. 1281-1289.
- CALDEIRA, Zoica Andrade & FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. A educação musical e o estudo do processo de interação criança/música no contexto hospitalar. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XVI. 2006, Brasília. *Anais...* Brasília: ANPPOM, 2006. p. 999-1002.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.
- KELMAN, Celeste Azulay & BRANCO, Angela Uchôa. Análise microgenética com alunos surdos. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v.10, n.1, p.93-106, 2004.
- LEITE, Gisela Pascale de Camargo. *Linguagem cinematográfica no currículo da educação básica: uma experiência de introdução do cinema na escola*. 98 f. Rio de Janeiro, 2012. Dissertação – Mestrado Educação. Programa de Pós- Graduação em Educação da UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: nos movimentos do sentido*. 6ª ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.
- PEREIRA, Eliton Perpétuo Rosa & BORGES, Maria Helena Jayme. Computador, multimídia e softwares na Educação Musical: uma experiência interdisciplinar em escola pública de ensino formal. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, XV. 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPPOM, 2005. p. 1011-1019.
- VELHO, Simone. *Compreendendo os procedimentos da atividade “tocar de ouvido”*. 136 f. Porto Alegre, 2011. Dissertação – Mestrado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, Porto Alegre, 2011.
- VIGOTSKY, Lev Seemenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.